



**A MULHER NOS AÇORES  
E NAS COMUNIDADES**

***WOMEN IN THE AZORES  
AND THE IMMIGRANT  
COMMUNITIES***

## FICHA TÉCNICA

### TÍTULO

**A Mulher e o Trabalho nos Açores e nas Comunidades /**  
*Women and Work in the Azores and the Immigrant Communities*

### Volume V

**História e Sociedade /**  
*History and Society*

### COORDENADORA

**Rosa Maria Neves Simas**  
rsimas@notes.uac.pt  
www.uac.pt/mulher

### EDIÇÃO

**UMAR - Açores**  
umar-acoeres@umar-acoeres.org  
www.umar-acoeres.org

### PATROCÍNIO

**Direção Regional do Trabalho e Qualificação Profissional**

### EXECUÇÃO GRÁFICA

**EGA - Empresa Gráfica Açoreana, Lda**  
Rua Manuel Augusto Amaral, 5  
9500-222 Ponta Delgada  
São Miguel - Açores  
Telef. 296 284 752 - Fax 296 284 945  
ega.acoeres@mail.telepac.pt

### TIRAGEM

1500 exemplares

### DEPÓSITO LEGAL

197 729 /03

### ANO

2008

## DEDICATÓRIA

A um Homem do Pico  
que soube cultivar a terra  
e a cultura da sua Terra...  
Ao meu pai, homem de trabalho,  
Rafael Furtado Simas

## DEDICATION

To a Man from Pico  
who knew how to cultivate the land  
and the culture of his Homeland...  
To my father, a man of work,  
Rafael Furtado Simas

---

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos/as colaboradores/as. /

*The collaborators are entirely responsible for the contents of their articles.*

## Índice / Table of Contents

### A MULHER E O TRABALHO / WOMEN AND WORK

#### Volume V

### HISTÓRIA E SOCIEDADE / HISTORY AND SOCIETY

#### Rui Bettencourt

Prefácio .....	1001
<i>Preface</i> .....	1005

#### Rosa Maria Neves Simas

Agradecimentos .....	1009
<i>Acknowledgments</i> .....	1013

#### Anália Torres

Introdução .....	1017
<i>Introduction</i> .....	1023

### ENTRE O PASSADO E O PRESENTE / BETWEEN THE PAST AND THE PRESENT

#### Susana Goulart Costa

Mulheres açorianas no século XVI: A mulher e o trabalho na história dos Açores .....	1031
<i>Azorean Women in the 16<sup>th</sup> Century: Women and Work in Azorean History</i> .....	1043

#### Maria Margarida Lalanda

Vida religiosa e trabalho: Freiras de clausura no século XVII nos Açores .....	1053
<i>Religious Life and Work: Cloistered Nuns in the 17<sup>th</sup> Century in the Azores</i> .....	1061

**Licínio Vicente Tomás**

- Destinos cruzados de Hera e de Gaia:  
Um olhar geracional sobre o trabalho das mulheres ..... 1069  
*Crisscrossing Destinies:  
A Look at the Work of Generations of Azorean Women* ..... 1087

**Fernando Diogo**

- Determinantes do trabalho feminino:  
Princípios e dados sobre os Açores ..... 1101  
*Factors Affecting Female Employment in the Azores* ..... 1119

**Piedade Lalanda**

- Mulher, família e vida activa nos Açores ..... 1137  
*Women, Family Life and Work in the Azores* ..... 1149

**José Cabral Vieira**

- A Mulher e o Mercado de Trabalho nos Açores:  
Uma perspectiva económica ..... 1161  
*Women and the Job Market in the Azores:  
An Economic Perspective* ..... 1165

**ENTRE A FAMÍLIA E O TRABALHO /  
BETWEEN WORK AND FAMILY****Duarte Freitas**

- A conciliação da vida profissional e familiar:  
Uma perspectiva europeia ..... 1171  
*Conciliating Profession and Family: A European Perspective* ..... 1177

**Agostinho Leão Pinheiro**

- A conciliação da família e da vida profissional:  
Casais profissionalmente activos em Angra do Heroísmo ..... 1183  
*Conciliating Family Life and Professional Life:  
Couples Working in Angra do Heroísmo* ..... 1195

**Felicidade Macedo Rodrigues**

- A mulher imigrante e a vida familiar e profissional:  
Como lidar com mudanças e stress ..... 1205  
*How Single Immigrant Mothers Juggle Work and Family:  
Coping with Change and Stress* ..... 1213

**Maria Manuela Bairos**

- A mulher na diplomacia portuguesa:  
Três décadas de trabalho ..... 1219  
*Women in Portuguese Diplomacy: Three Decades of Work* ..... 1229

**VIVENDO ENTRE DOIS MUNDOS /  
LIVING BETWEEN TWO WORDLS****Jean E. Manes**

- A mulher na diplomacia americana:  
Perto de um século de trabalho ..... 1239  
*Women in American Diplomacy: Nearing a Century of Work* ..... 1243

**Manuela Aguiar**

- Mulheres migrantes:  
Trabalho profissional e intervenção cívica ..... 1247  
*Migrant Women:  
Professional Employment and Civic Involvement* ..... 1259

**Maria Glória de Sá**

- Mobilidade social ou tábua de salvação?:  
Auto emprego entre as imigrantes portuguesas nos EUA ..... 1271  
*Mobility Ladder or Economic Lifeboat?: Self-Employment  
among Portuguese Immigrant Women in the USA* ..... 1281

**Maria Amélia Paiva**

- A mulher migrante no Canadá e em Portugal ..... 1289  
*Migrant Women in Canada and in Portugal* ..... 1297

**Marcie Ponte**

- A mulher imigrante e o trabalho no Canadá ..... 1305  
*Immigrant Women and Work in Canada* ..... 1311

**Caetano Valadão Serpa**

- A mulher na sociedade contemporânea  
e a linguagem como mensagem cultural ..... 1317  
*Women in Contemporary Society  
and Language as a Cultural Message* ..... 1329

## Destinos cruzados de Hera e de Gaia: Um olhar geracional sobre o trabalho das mulheres<sup>1</sup>

Licínio Vicente Tomás

Professor, Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais  
Universidade dos Açores

A história parece ter relegado as mulheres para fora da sociedade. Protagonistas de mudanças fundamentais, sempre repartiram com os homens as diferentes funções sociais. Muito já se escreveu sobre a diferenciação de género e não é nossa intenção retomar o tema a não ser na vertente da divisão do trabalho. O teor da actividade masculina e feminina apresentam particularidades variáveis com as épocas. Mas quer no geral quer no concreto, os estudos sobre esta temática negligenciaram, frequentemente, a vertente geracional. Ora, cremos que através da comparação entre gerações se evidenciam diferenças fundamentais na relação com o trabalho. A imagem da mulher transformou-se na continuidade das gerações. Hoje, os percursos biográficos do trabalho feminino testemunham da mobilidade e ascensão sócio-profissional das mulheres, imprimindo um novo rosto social ao trabalho assalariado.

---

Tanto a mulher como a questão da igualdade perante o trabalho constituem elementos de uma temática central na actualidade, abrangente e amplamente desenvolvida quer em termos dos estudos de género, quer no âmbito da promoção de uma política de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. Figuras femininas tomadas de empréstimo ao panteão das divindades gregas, Hera, deusa da maternidade, é filha de Cronos e, este, da deusa Gaia que simboliza a Terra-Mãe. Em muitas sociedades do passado, e até do nosso passado recente, o trabalho da terra parece ilustrar o destino que estava reservado a muitas mulheres, embora com pequenas diferenças quando comparamos as gerações. A referência à mitologia clássica no título é puramente ilustrativa, como não podia deixar de ser. O que pretendemos é apenas e tão só transmitir a noção das diferenças geracionais perante o trabalho e a actividade em geral. O presente artigo recupera uma das vertentes implícitas numa dissertação de doutoramento em Ciências Sociais cuja temática versava sobre a relação entre a idade e actividade, defendida em Dezembro de 2004, na Universidade dos Açores. Retomaremos dela a questão da partilha geracional do trabalho, perspectivada sobretudo em função do género.

O presente artigo procura salientar o quanto a posição da mulher se transformou pelo trabalho, de umas gerações para as outras, reintroduzindo, assim, na análise, a perspectiva geracional e a questão das diferenças de idade perante o trabalho. Na peculiaridade da história social destas ilhas atlânticas, predominou a domesticidade do trabalho feminino e este, ao que tudo indica, relaciona-se de perto com o lugar da mulher na sociedade açoriana. Os sistemas tradicionais de trabalho na agricultura, com base no género, fundamentam papéis sociais, sobretudo mais salientes na distância entre gerações. Na actividade laboral como na vida quotidiana, o fosso geracional continua a ser uma realidade indesmentível.

### A mulher e o trabalho

Fundamento do existir colectivo, o trabalho persiste como a marca mais forte da nossa identidade social, configurando trajectórias de vida ou sintetizando diferenças de estatuto e de condição. Efectivamente, como defendia Dos-toievski,<sup>2</sup> “para reduzir um ser humano a nada, basta dar ao seu trabalho um carácter de inutilidade”. Ora, independentemente do significado e da necessidade que o trabalho adquira, a utilidade é função do reconhecimento que socialmente dele se faz e a condição de quem o faz, essa, uma consequência desse mesmo reconhecimento. Como observou Pierre Jaccard, não raras vezes, o trabalho apresentou uma condição escravizante em virtude de ser considerado aviltante e de estar conotado com formas repugnantes de exploração dos seres humanos.<sup>3</sup>

A escravização pelo trabalho é uma prática antiga e o trabalho sem estatuto uma realidade de todos os tempos; constatação particularmente válida no caso das mulheres que sempre trabalharam, mesmo sem terem emprego definido em sentido económico. As sociedades mediterrânicas foram talvez das mais conservadoras ao manterem até mais tarde os traços de uma divisão sexual do trabalho assentes em valores ancestrais. Seja como for, o conteúdo e o valor do trabalho das mulheres têm vindo a mudar, com o tempo. Mas o tempo tem formas de se incrustar nas escalas do vivido nos percursos geracionais.

Na dinâmica social contemporânea, tanto a nível nacional como a nível insular, o trabalho das mulheres já não é aquele que a tradição outrora lhes destinou. O efeito de assimilação de novas tendências, na integração progressiva de uma dinâmica cada vez mais geral e globalizada, veio

2 Citado por Jaccard, 348.

3 Cf. Jaccard, 1976.

uniformizar comportamentos e nivelar estatutos decorrentes do trabalho assalariado. Apesar das desigualdades estruturais, em que o trabalho feminino apresenta taxas muito baixas de assalariamento, os indicadores da actividade das mulheres reflecte um crescimento sem precedentes. Mesmo nas regiões mais periféricas, com grande persistência de diferenciações dos papéis sociais assente na diferenciação de género, a evolução dá-se no mesmo sentido.

Porém, na assimetria dos papéis sociais, a mudança na condição da mulher revela-se sobretudo mais contrastada se atendermos à diferença entre as gerações. De uma geração para outra, verificamos diferenças, por vezes, abismais. Novas funções emergem enquanto outras regridem; novos papéis se configuram perante as exigências de uma sociedade mais participativa; recentes estatutos se consubstanciam e se acrescentam aos tradicionais; novos protagonismos se afirmam na modernização da sociedade e da actividade.<sup>4</sup>

Na sua história social, os espaços insulares apresentam particularidades na diferenciação de género que a modernidade não apagou. Nem o poder em virtude da fraca propensão industrial e de uma menor oferta de emprego qualificado. Apesar disso, ainda que a estrutura económica destas ilhas atlânticas seja menos diversificada que o continente português, não deixa de ser significativa a progressiva penetração da mulher no mundo do trabalho assalariado, rompendo com uma condição secular de domesticidade.

### Da condição de doméstica e do trabalho sem estatuto ao emprego

As mulheres têm vindo a assumir novos papéis na economia e na sociedade: constatação óbvia no geral mas ilusória na especificidade. Certo é que o preenchimento de diferentes funções técnicas ou a procura activa de trabalho remunerado já não constitui um exclusivo dos homens em idade activa. Na estrutura de emprego regional, tal como na portuguesa e na europeia, continua a aumentar o peso dos efectivos femininos, não em virtude da sua participação num tipo de trabalho que tradicionalmente sempre lhes coube, mas nos regimes de assalariamento que representam trabalho jurídica e socialmente enquadrado. Sendo deste tipo de trabalho que decorrem os vínculos e estatutos sociais mais fundamentais e uma integração social consequente, não nos custa admitir que seja a relação com o trabalho enquadrado que molde decisivamente os estatutos dos indivíduos e a identidade social dos diferentes

4 Sobre esta temática, veja-se, nomeadamente, Nash, 2005.

grupos ou categorias.<sup>5</sup> As mulheres e a sua condição são disso exemplo.

A esfera doméstica – espaço de trabalho quase exclusivo da mulher – raramente é vista como uma situação de trabalho efectivo em virtude de não se tratar de um trabalho remunerado. Neste universo de actividade, nem económica nem estatisticamente a mulher aparece classificada como activa. Mas as concepções e o reconhecimento do trabalho mudam. O trabalho já não é o que era e as expectativas sobre quem pode ou deve trabalhar também se alteraram. As nossas visões comuns acerca do lugar da mulher e do homem, no funcionamento da sociedade, incorporam certamente representações de género, ancoradas numa aparente distribuição natural dos papéis sociais. Confere-se à mulher uma multiplicidade de papéis sociais que, não sendo apenas característicos da feminilidade, lhe foram tradicionalmente atribuídos. Acontece, porém que, para manter o bem-estar da família, a mulher que educa e cuida dos filhos é a mesma que cuida dos negócios do marido, das roupas, da comida e da gestão patrimonial, esta, não raras vezes, complementada com formas de rendimento esporádicas decorrentes de trabalhos ocasionais que se propõe angariar fora do lar. Em certos casos – ou para uma certa categoria de mulheres – o trabalho não constitui mais do que um complemento para o orçamento familiar, não uma opção profissional na plena acepção da palavra. Noutros casos será, provavelmente, uma fonte de emancipação económica e social que dá acesso a papéis e posições laborais outrora apanágio da masculinidade. Muitos dos papéis profissionais que só ao homem caberiam e que, por isso mesmo, só a ele cabe reivindicar o seu desempenho na esfera laboral, são hoje de acesso livre e igualmente disputados pelos dois sexos.

### Trabalho efectivo e taxas de actividade das mulheres

Historicamente confinadas ao trabalho doméstico, as mulheres vêm hoje o seu estatuto alterado. Porém, o estatuto da mulher trabalhadora afirmou-se sobretudo no presente, muito embora, nas classes baixas, esta condição sempre tenha constituído uma condição peculiar que alimentou, inclusive, narrativas de lutas e de resistência social.<sup>6</sup> A mulher e o trabalho, assim como

5 Cf. Maruani, 1991.

6 Desde a antiguidade clássica à época da industrialização, a mulher da classe trabalhadora ombreou com o homem, integrando a força produtiva. O lugar da mulher nas lutas operárias, nos alvares da industrialização (patente, por exemplo, no romance *Germinal* de Émile Zola), é inseparável do movimento social mais amplo que culmina na instituição de direitos fundamentais ao trabalhador e ao mundo do trabalho em geral.

o lugar da mulher na sociedade, parecem diluir-se por completo na perspectiva histórica da longa duração e, como consequência, na história social do trabalho.<sup>7</sup> É dentro de um mundo dominado por valores e estereótipos da masculinidade que cabe resgatar a imagem da mulher que trabalha, permanecendo ao mesmo tempo e incondicionalmente dona de casa, esposa, mãe e trabalhadora. Mas a pluralidade de papéis não a favorece. Antes pelo contrário, parece penalizá-la duplamente na medida em que a sobrecarrega com tarefas que deveriam ser partilhadas mas que, na prática, raramente o são ou permanecem exclusivamente suas apesar de todos os esforços investidos na promoção da partilha. Daqui resulta que as mulheres mais penalizadas não são sequer aquelas que tiveram acesso a uma carreira,<sup>8</sup> mas sim aquelas que nem sequer um título profissional alcançaram e que, trabalhando fora de casa, acumulam tarefas e obrigações laborais, sociais e familiares.

Como tudo parece indicar, o devir da modernidade social ditou a libertação da mulher e a dignificação da condição feminina mas também a sua ampla exploração nos meios onde a mudança foi incompleta. Esta situação está patente tanto na acumulação de papéis e de tarefas como na maior vulnerabilidade social em que incorre – como a viuvez e a pobreza, o abandono ou o isolamento social, que se acentuam com a idade. Efectivamente, para a mulher, as conjunturas de fragilização são múltiplas e as causas plurais, mas nem todas redutíveis ao trabalho ou às situações de trabalho, ainda que o trabalho participe fortemente na construção das desigualdades e, notoriamente mesmo, nas desigualdades de género.

Homens e mulheres não participam igualmente na actividade económica nem têm, em geral, a mesma forma de relação com o trabalho, mas o efeito da feminização do emprego reflecte-se, um pouco por todo o lado, nas

7 Apesar disso, procura-se hoje uma explicitação coerente sobre o que foi a participação efectiva das mulheres no trabalho passado das diferentes comunidades nacionais ou europeias. Veja-se, para o caso português, o incontornável artigo de síntese, elaborado numa análise da idade média, da lavra da historiadora Maria Helena da Cruz Coelho.

8 Consideramos pertinente fazer notar, a este respeito, que, quando se realça a dificuldade que as mulheres têm em conciliar a carreira com a família, tal denota um enviesamento de princípio: o de conceber que é a mulher que tem de conciliar a carreira com as lides domésticas, a maternidade e os cuidados da família. Nada determina que assim seja a não ser uma enraizada concepção da divisão sexual das tarefas. É facto que, num primeiro momento, o preço a pagar pela saída da esfera doméstica foi a acumulação das funções e das lides de casa com as do trabalho. A paridade de incumbências tarda em manifestar-se em certos grupos culturalmente mais restritos.

taxas de actividade. O aumento das taxas da actividade global é o reflexo directo do incremento da participação das mulheres no mercado de trabalho, não forçosamente o da sua profissionalização activa, nem da sua integração laboral permanente no emprego, como já se salientou.

**Quadro 1: Taxas de actividade, por sexos, em Portugal e nos Açores, nos 3 últimos censos**

Censos	PORTUGAL			AÇORES		
	HM	H	M	HM	H	M
1981	42.5	57.2	29.0	33.7	56.2	11.8
1991	44.6	54.3	35.5	36.9	53.1	21.1
2001	48.2	54.8	42.0	42.0	52.1	32.1

Fonte: INE, Lisboa, 1981, 1991 e 2001.

O percurso das diferentes regiões portuguesas para a modernidade estatística não foi todo igual. Não são apenas de agora as assimetrias pronunciadas quer nas regiões entre si, quer no que diz respeito à natureza e repartição do trabalho, globalmente comparadas. Num primeiro momento, a tendência de progressão é muito clara, como se depreende da leitura comparativa do **Quadro 1**. Através de uma observação atenta, podemos verificar que, num lapso de tempo de vinte anos, apenas, a participação feminina no trabalho assalariado passou, em Portugal, de cerca de 29% para 42%.<sup>9</sup> Todas as regiões tendem a seguir esta mesma tendência e o arquipélago dos Açores não constitui excepção, evidenciando igual rumo, embora com valores mais baixos. Os índices de assalariamento regionais das mulheres são, contudo, francamente insuficientes numa Europa que se quer “das regiões e do emprego para todos”, independentemente de se ser homem ou mulher.

No início da década de oitenta, os Açores empregavam, apenas, 12% do total da população de mulheres. No censo ocorrido em 2001, a percen-

9 Percentagem obtida tendo em conta as mulheres activas para o universo total das mulheres, independentemente da idade. Por isso é que uma taxa de actividade global constitui um indicador referencial muito grosseiro.

tagem de mulheres assalariadas cifrava-se em cerca de 32%, estando, mesmo assim, aquém daquilo que é a expressão deste indicador em termos dos valores nacionais e europeus. No entanto, as tendências de terciarização, de desindustrialização e de feminização de certos sectores podem ser percebidas, numa primeira aproximação, pelo recurso à leitura da distribuição pelos três principais grandes sectores económicos em que é costume arrumar-se a actividade produtiva. Sectorialmente, o emprego das mulheres tem hoje mais expressão em quase todos os ramos dos serviços como resultado da externalização<sup>10</sup> dos serviços, para além da esfera doméstica, de um conjunto de actividades tradicionalmente ligadas à maternidade (cuidado de protecção e ensino das crianças) ou atribuídas às mulheres no domínio privado (cuidados de roupas, cozinha, idosos, etc.), num movimento que já vem desde os finais do século XIX.<sup>11</sup> As fábricas e os serviços retiraram parcialmente as mulheres das lides do lar e captaram uma parte significativa da mão-de-obra feminina agrícola. Os valores dos quadros estatísticos, das últimas décadas, reflectem expressivamente tais mudanças,<sup>12</sup> em termos de sectores de actividade.<sup>13</sup> Contudo, no cômputo global, foi constantemente o sector terciário, aquele, que mais mão-de-obra feminina absorveu.<sup>14</sup> O mesmo acontece a nível insular.

10 Entenda-se por externalização, a saída para fora da esfera doméstica de certos serviços e cuidados prestados à família. Esses mesmos serviços são agora oferecidos por empresas vocacionadas para o efeito; empresas essas que empregam sobretudo mão-de-obra feminina.

11 Veja-se, nomeadamente, o artigo de Helena Araújo no que se refere à função educativa das professoras primárias. Cf. Araújo.

12 Não obstante as alterações de teor qualitativo não evidentes, as taxas de actividade por sector, enquanto indicadores globais, expressam, sobretudo, mudanças quantitativas quanto ao emprego da população activa. A concentração no sector terciário e o declínio do primário não deixam dúvidas. As taxas de actividade espelham diferenças entre homens e mulheres que têm mais sentido, porém, quando temos simultaneamente em conta as especificidades regionais.

13 Ainda que a repartição da população de homens e de mulheres, pelos três tradicionais sectores de emprego da mão-de-obra, encubra grandes disparidades, não deixa de realçar claramente fenómenos como a terciarização e a feminização do emprego.

14 Só para o caso da Região Autónoma dos Açores, dos cerca de 12% de efectivos femininos com trabalho remunerado, 83% desses encontram-se a trabalhar no sector terciário.

**Quadro 2: Peso relativo dos sectores de actividade na população activa, por sexos, nos 3 últimos censos**

Sector de Actividade	PORTUGAL			AÇORES		
	HM	H	M	HM	H	M
Primário	19.7	19.6	40.4	31.7	37.7	2.4
Secundário	38.7	43.9	21.3	25.3	27.6	14.2
Terciário	41.6	36.5	38.3	43.0	34.7	83.4
1981	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
Primário	10.8	11.7	9.5	19.4	25.8	2.5
Secundário	37.9	43.3	29.7	23.1	28.4	9.1
Terciário	51.3	45.0	60.8	57.6	45.7	88.5
1991	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
Primário	5.0	6.6	3.8	11.2	16.8	3.2
Secundário	35.1	43.2	23.4	25.6	34.9	9.3
Terciário	59.9	50.2	72.8	63.2	48.3	87.5
2001	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

Fonte: INE, Lisboa, 1981, 1991 e 2001.

A evolução sectorial do trabalho, das três décadas anteriores (**Quadro 2**), põe em destaque uma forte contracção do sector primário em consequência da reestruturação da actividade agrícola e das profundas transformações que abalaram o mundo rural, tais como o êxodo das populações, o envelhecimento do conjunto populacional, a reconversão e a deslocalização das actividades económicas. A feminização da agricultura, que constituiu uma marca indelével das sociedades pré-industriais, observa-se ainda em Portugal continental, com expressão significativa de efectivos, ainda na primeira metade do século XX. Mesmo nos anos oitenta, verificamos ainda que duas em cada cinco mulheres (40%) têm um trabalho efectivo relacionado com a actividade do primário. É, principalmente, neste domínio que a região se distingue do resto do país pelos fracos índices de actividade, e isto, não porque as mulheres não trabalhem tradicionalmente na agricultura ou na pesca, mas, sobretudo, porque acontece ser nestes sectores que se verificam os mais baixos níveis de assalariamento das mulheres.

Mesmo hoje, as características do trabalho na agricultura e nas pescas permanecem essencialmente masculinas. As mulheres intervêm, muitas vezes, em regime de trabalho de apoio ou como suporte às lides da terra e do mar –

papel aparentemente secundário, mas fundamental à eficácia produtiva.<sup>15</sup> Foi este ciclo de actividade de suporte – o qual reflecte uma forma singular de participação no trabalho – que as gerações de mulheres mais novas quebraram quando novas formas de empregabilidade surgiram. Apesar de ter diminuído em importância estatística, a agricultura fixa muito poucas mulheres e, sobretudo, menos mulheres das gerações mais novas.

### Trabalhos agrícolas e piscatórios na identidade da Região

Tradicionalmente reservados aos homens, as tarefas extractivas, agrícolas e piscatórias sempre contemplaram, contudo, uma forte presença das mulheres na laboração. Frequentemente, sem estatuto remuneratório definido, é certo, mas prestando uma colaboração decisiva ao trabalho dos homens. Os efectivos femininos, imprescindíveis em tarefas de apoio e de manutenção, acompanharam, desde sempre, a evolução, as transformações e, em certos casos mesmo, a reconversão destas actividades. No apoio à actividade do chefe de família, as mulheres garantiam o suporte de sistemas de trabalho outrora rentáveis para os padrões de vida da altura e que têm hoje uma menor expressão – e isto, quer fosse numa lógica de sustentação familiar quer com o intuito de rentabilização económica da actividade do marido. Tanto em sistemas de agricultura capitalista como na de agricultura a tempo parcial ou de uma agricultura subsidiária,<sup>16</sup> o contributo feminino estende-se, amiúde, para além das tarefas na esfera doméstica, inseparável que é de certas formas de sustentação económica e profissional. Estas situações de trabalho são, sobretudo, mais características das gerações de mulheres mais velhas mas estas já não incentivam as suas filhas a seguir o mesmo percurso de vida que elas tiveram.

Na ruralidade tradicional de certas regiões, há formas de trabalho que mudaram muito pouco ao longo do tempo, tal como o estatuto delas decorrente. Quando olhamos para a panorâmica da agricultura – não tanto em termos de intensificação tecnológica<sup>17</sup> mas mais em termos de modalidades de trabalho

<sup>15</sup> Cf. Tomás e Medeiros, 2006.

<sup>16</sup> Cf. Sobre os sistemas agrícolas e sua classificação, veja-se nomeadamente, Barros.

<sup>17</sup> É importante salientar-se que mesmo em termos de evolução tecnológica, de preparação técnica e de processos de cultivo ou de gestão das explorações a progressão foi muito lenta e permanece nalguns meios incipiente e inacabada. Em qualquer dos contextos, incumbem à mulher muitas das tarefas rotineiras das práticas agrícolas tradicionais cuja evolução não substituiu mas que, nalguns casos, apenas transformou ou renovou.

– reconheceremos que a situação se mantém fundamentalmente inalterada. Casa e terras eram ou propriedade das famílias ou arrendadas para delasse extrair o sustento essencial. A área explorada, essa, constituía o próprio reduto de sustentação necessária ou possível à dimensão dos agregados domésticos. Por conseguinte, a orientação mercantil da prática agrícola é, entre nós – portugueses continentais ou insulares – relativamente tardia. O regime de assalariamento progrediu, apesar de tudo, também neste sector, proporcionando uma outra forma de relação laboral. Muitas mulheres portuguesas tornaram-se assalariadas agrícolas, passando, deste modo, a contar para as estatísticas do emprego.

Assim, se numa primeira fase e para certas gerações de mulheres, o assalariamento era a meta, para outras, porém, a procura de emprego enquadrado de que decorreriam vínculos e garantias sociais, como a protecção na doença, no desemprego e na velhice, seriam mais comuns e gerais. Ainda que certas leis sociológicas relativas à reprodução social nos incitem a considerar existirem maiores probabilidades de se ser agricultor (ou agricultora) quando se tomam os estratos campestinos ou piscatórios por origem social, o certo é que as mudanças sócio-económicas e geracionais são iniludíveis e a perda de importância da pequena propriedade agrícola, essa, uma evidência que não é só estatística. Apesar de não ser, desde há muito, o sector dominante, a agricultura e a pecuária continuam a perder peso nas ilhas açorianas.

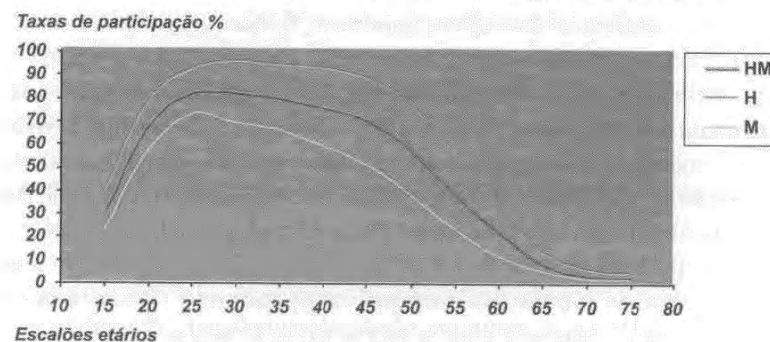
Parece consensual, porém, que a controversa modernização do sector agrícola deva ser perspectivada em diferentes domínios. Se é certo que a empresarialização da actividade, assim como a subordinação das pequenas unidades de produção, às regras de mercado, proporcionaram alterações substanciais nas situações e nos processos de trabalho, não é menos verdade que a renovação técnica e a modernização produtiva não aconteceram sem a participação das mulheres e, particularmente, das mulheres casadas. Ora, numa certa tradição social persistente, o casamento permitia, muitas vezes, retirar as mulheres dos trabalhos agrícolas a que se dedicavam, enquanto solteiras, passando a depender amplamente da condição sócio-profissional do marido. A condição da mulher no sector primário segue de perto as transformações do mundo rural e revela uma persistência de costumes mais arraigados do que noutros contextos sociais e culturais.

Os espaços insulares não fogem à regra e o meio rural açoriano permanece um misto de tradição e de inovação que pouco desestabilizou as práticas sociais e a forma de exploração das terras.<sup>18</sup> No entanto, como em qualquer outro espaço

<sup>18</sup> Ainda no início da década de oitenta, as observações sociológicas efectuadas para o arquipélago dão conta de um tipo predominante de “empresa agrícola sobretudo de tipo

Europeu ou como em qualquer sociedade atingida pelo efeito de terciarização e de massificação educativa, a procura de emprego qualificado é mais valorizada, dissuadindo as novas gerações das formas de trabalho do passado. Certo é que não se trabalha hoje, nestas ilhas, como se trabalhava há ainda algumas décadas atrás. Foi todo um contexto de organização sócio-laboral e tecnológico que se alterou. O trabalho não apresenta só novos contornos e requisitos inéditos, as expectativas em seu redor também se transformaram no decurso das gerações. No confronto entre idades, captamos muito das alterações que as diferentes gerações mantêm com o trabalho. O gráfico das taxas de actividade por grupos de idade (**Gráfico 1**) evidencia precisamente uma relação diferente com o trabalho e a actividade remunerada ao longo da vida.

**Gráfico 1: Taxas de participação por idade, nos Açores, em 2001**



Fonte: INE, Censos 2001.

A agricultura açoriana, de forte especialização em gado leiteiro e culturas forrageiras ou em culturas que visam a transformação industrial, como a beterraba e o tabaco, recruta tradicionalmente muito poucas mulheres. Ainda que estas possam ter uma participação indirecta – e não negligenciável em virtude do carácter mais familiar da exploração e mais vocacionada para o auto-consumo – as mulheres açorianas sempre tiveram uma participação na actividade agrícola mais restrita do que no continente português. Efectivamente, foram sobretudo os serviços à comunidade e as actividades comerciais que permitiram o crescimento das taxas de actividades das mulheres nas gerações mais novas.

familiar que nas formas tradicionais produz para o auto-consumo, raramente para o mercado”, abrangendo as explorações de tipo patronal apenas 30,2% do total. Cf. Carmo.

Não surpreenderá se dissermos que, ao nível do arquipélago, a profissionalização da mulher se dá principalmente em actividades não agrícolas. Como documentou Adelina Martins, para esta região, há já alguns anos, ainda que laborando em actividades relacionadas com a agricultura, as mulheres desempenham um papel mais técnico e centrado nos organismos de controlo e supervisão ou mais de apoio à produção horto-frutícola na pequena exploração, “sendo mesmo muito baixa a percentagem de mulheres empregues como mão-de-obra permanente na faina agrícola”.<sup>19</sup> Contrariamente ao que se observou para o interior e litoral português, são raras as mulheres que na Região têm o estatuto de agricultoras ou até de trabalhadoras ou assalariadas agrícolas. A população activa agrícola, em sentido moderno, ainda que mais equiparada aos valores das estatísticas nacionais, é ela própria muito diminuta e amplamente dominada pelo elemento masculino.

As características das regiões imprimem, frequentemente, a sua forma específica aos ecossistemas de trabalho. Nas representações comuns, os Açores são um prado verdejante de forte tradição nas artes da baleação<sup>20</sup> onde a natureza do trabalho parece excluir a mulher, remetida tradicionalmente para a esfera doméstica. E, foram-no durante muito tempo, perpetuando-se, ainda, esta situação na actualidade. Talvez por isso, a economia dos quintais ou das hortas, adstritos à casa, seja um assunto essencialmente feminino. Do mesmo modo, a preparação de aparelhos e de iscos, necessários nas artes do mar, contam-se entre as rotinas das mulheres de pescadores.<sup>21</sup> Desde a pesca industrial à pesca costeira, a mulher esteve nas actividades a montante e a jusante da actividade extractiva da pesca, como sejam a preparação de aparelhos, a conserva e preparação do pescado, sendo exclusivamente da mão-de-obra feminina que a indústria conserveira vive, nestas ilhas atlânticas. Mas é sobretudo na viragem geracional que se capta a mão-de-obra feminina para a transformação do pescado. Decorrente de modos de vida com efeitos similares aos da agricultura, a actividade da pesca de épocas passadas salientou a posição da mulher como um agente participativo mais resignado nas

unidades de trabalho familiares até poder aceder ao trabalho de transformação do pescado em alguma da escassa indústria que aqui se instalou. Na evolução histórica da actividade fundamental da pesca, como observa a investigadora Inês Amorim, a mulher é “um agente participante num modo de produção que, de forma variável, a inclui ou exclui do quadro organizativo, que terá evoluído de uma pesca de base familiar para uma pesca industrial”.<sup>22</sup> Notoriamente, a pesca industrial ou a utilização industrial do produto da pesca distribui novas tarefas e funções às mulheres das gerações mais novas.

Não temos dúvidas de que este eixo de evolução marcou decisivamente o âmbito do trabalho nas pescas mas encontra-se também na origem da diversificação das actividades agrícolas. Ora, no que respeita ao trabalho essencialmente agrícola e à faina da pesca, pouco se alterou o contributo do trabalho das mulheres com a evolução dos processos de trabalho. Basicamente, estes sectores convergem no facto de não integrarem a mulher no mercado assalariado da mão-de-obra. O mesmo não se poderá dizer do sector fabril e dos serviços que constituem um espaço de captação crescente da mão-de-obra feminina na esfera do assalariamento produtivo.

### Conclusão: A empregabilidade diferencial das gerações de mulheres

As gerações que se sucedem perante o trabalho, sucedem-se também perante o incremento de novas formas de rentabilidade do trabalho que muda com o tempo. Se entendermos a geração como uma “comunidade de destino”<sup>23</sup> a que pertence um conjunto de indivíduos nascidos no mesmo ano, ou que se encontram sensivelmente em idades muito próximas, e que, em virtude desse facto, partilham os mesmos acontecimentos e necessidades circunstanciais semelhantes,<sup>24</sup> tais como as necessidades de aprendizagem ou da procura activa de trabalho, então torna-se fácil compreender que as conjunturas históricas moldam as vivências e as referências das diferentes gerações, imprimindo um cunho próprio às oportunidades de trabalho. As gerações que partilham um determinado tempo histórico vêem-se confrontadas com condições muito díspares na sua relação de subordinação salarial mas também – e sobretudo – no acesso a formas prestigiadas de trabalho, de empregabilidade

19 Cf. Martins, Adelina.

20 A proibição da captura de cetáceos, nos anos oitenta, como consequência de se terem adoptado normas internacionais sobre esta matéria, não invalida que esta prática tenha marcado simbólicamente e efectivamente as actividades do arquipélago e a cultura local.

21 Mesmo considerando a pesca já relativamente industrializada, as funções de gameleiras (preparar gamelas de anzóis “iscados” para o trabalho da pesca) e outras de suporte técnico como a organização da contabilidade são tarefas que cabem frequentemente à mulher. Cf. Tomás e Medeiros, 72.

22 Cf. Amorim.

23 Expressão herdada de Martin Heidegger e retomada por vários autores que se debruçaram sobre a conceptualização das gerações.

24 Cf. Claudine Attias-Donfut.

e de auto-emprego.<sup>25</sup> O que as gerações mais novas parecem evidenciar não é uma maior capacidade de trabalho, mas sim uma maior propensão para competir pelo trabalho assalariado, pelo emprego qualificado e juridicamente enquadrado.

Desconhecemos a expressão do trabalho feminino fora da prática de registo censitário que, no presente, a actualidade estatística promove e difunde. Apesar disso, não podemos iludir o facto de que a posição tradicional da mulher açoriana evidencia uma participação activa nas variadas modalidades de trabalho destinado ao auto-consumo agrícola, tão óbvia como o é, de resto, nos sistemas artesanais de trabalho em que ela detém o quase monopólio dos processos de panificação, da fiação e da confecção de roupas ou da moagem caseira dos cereais, sendo também uma parte activa na produção de cerâmicas.<sup>26</sup> Mas, as emblemáticas actividades artesanais da região apresentam um valor que não deverá ser lido ou deduzido da sua fraca relevância estatística. No suporte da actividade turística, e orientada para ela, os trabalhos de “Scrimshaw”<sup>27</sup> ou de escamas de peixe salientam a perícia feminina na sua realização. Muito do emprego industrial que nas últimas décadas se criou na transformação agro-alimentar captou essencialmente mão-de-obra feminina. Mas foi sobretudo o crescimento do sector do comércio e dos serviços que configurou novas e efectivas oportunidades de profissionalização das mulheres açorianas, reflectindo-se nas taxas gerais de actividade.

São geralmente mulheres mais velhas, aquelas que, com algum êxito comercial, se aventuraram na produção para o mercado, essencialmente turístico, de produtos de origem artesanal. Neste sentido, o campo da fabricação caseira é bem mais amplo do que se supõe se considerarmos a produção de conservas de frutos e licores, de artesanato decorativo, de bordados. Numa clara tentativa de rentabilizarem o seu trabalho e complementarem o orçamento familiar com o rendimento de produções caseiras na esfera doméstica, as mulheres deixaram de participar mais directamente no apoio à actividade do

25 Tanto as actividades empresariais como o trabalho independente por conta própria são considerados formas de auto-emprego.

26 Cf. Martins, Rui, 1999 e 2003..

27 Trabalhos realizados a partir do marfim obtido dos dentes de cetáceos ou ainda de osso de cachalote, a prática do Scrimshaw conta poucos praticantes, mas, entre eles, destacam-se algumas mulheres que terão fomentado o interesse por esta forma de expressão artística. Cf. Sousa, 2004, 137 e segs.

marido para se profissionalizarem. Por outro lado, de cultivadoras da terra a lenhadoras e carvoeiras, em certos meios rurais e lenhosos,<sup>28</sup> passaram, na sucessão das gerações, a fixarem-se em actividades mais enquadradas de transformação ou de serviços administrativos.

Mesmo o significativo universo de criadas, que se perpetuou até tardiamente, constitui uma imagem de actividade feminina passada. Os serviçais e as criadas, com uma expressão muito avolumada nalgumas ilhas, quase desapareceram. Hoje, as gerações de criadas que possam ainda existir encontram-se em idade de aposentação ou contratadas a dias, se ainda no activo. Dificilmente alguma delas incentivaria as suas filhas a seguir a mesma linha de actividade, sobretudo quando outras oportunidades surgiram decorrentes das transformações na estrutura económica e de oportunidade geradas pelo aumento dos níveis educacionais. Mas, mesmo, o trabalho árduo nas lides de casa e do campo também mudou o seu rosto com o tempo. Em consequência da oferta de serviços e do assalariamento feminino, o trabalho doméstico, ainda que continue a constituir um recurso de trabalho sobretudo para as camadas mais baixas e menos instruídas, integra uma relação de prestação de trabalho remunerado.

O crescimento da administração pública – em volume e nas modernas funções que assume – conjuntamente com a expansão da actividade comercial vieram proporcionar uma oferta muito diversificada a nível do sector dos serviços. Foi este o principal impulsionador da feminização do emprego. O peso do sector público, do turismo, das actividades de apoio às famílias e à comunidade fizeram com que as gerações de mulheres mais novas obtivessem uma substancial fatia do emprego remunerado; o qual transformou, por vezes, mais as estatísticas da actividade feminina do que a posição da mulher no seio da família e da sociedade.

### Bibliografia

- ALONSO, Philippe. (1996). *Femmes Employées*, Paris: L' Harmattan.  
 AMORIM, Inês, “ A mulher no sector das pescas na viragem do século XIX”  
*in Arquipélago História*, 2ª série, vol. IX-X (2005-2006): 661-683.  
 ARAÚJO, Helena Costa, “As professoras primárias na viragem do século:

28 A freguesia das Setes Cidades é-nos apontada como um exemplo típico onde as ocupações da mulher passam ou passavam, ainda num passado recente, por serem lavadeiras e carvoeiras. Cf. Sousa, 2006.

- Uma contribuição para a história da sua emergência no Estado (1870-1910)" in *Organizações e Trabalho*, nº 5/6, Dezembro de 1991: 127-143.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. (1988). *Sociologie des générations: L’empreinte du temps*, Paris: PUF.
- BARROS, Henrique de. (1982). *Os grandes sistemas de organização da economia agrícola*, Lisboa: Sá da Costa Editora.
- BARTOLI, Henri. (1957). *Science économique et travail*, Paris: Dalloz.
- BELL, Daniel. (1974). *The Coming of Post-industrial Society*, Harmondsworth: Penguin Books.
- CARMO, Francisco, "O meio rural açoriano" in *Arquipélago - Série Ciências Sociais*, nº 1: 33-63.
- CASTEL, Robert. (1995). *Les métamorphoses du salariat: Une chronique du salariat*, Paris: Fayard.
- COELHO, Maria Helena da Cruz, "A mulher e o trabalho nas cidades medievais portuguesas" in *Revista de História Económica e Social*, nº 20, Lisboa, Maio-Agosto de 1987: 45-63.
- FERRÃO, João, "Terciarização e Território: Emergências de novas geografias da terciarização" in *Análise Social*, vol. XXVI, nº 114, 5º: 829-845.
- FRIEDMANN, Georgese Naville, Pierre, *Sociologado Trabalho*, Tomo I: 310-311.
- JACCARD, Pierre. (s/d.) *História Social do trabalho*, Lisboa: Círculo de Leitores.
- JACCARD, Pierre. (1976). *Psicossociologia do trabalho*, Lisboa: Moraes Editora.
- LIMA, Aida Valadas de, "A agricultura a tempo parcial em Portugal — uma primeira aproximação à sua quantificação", *Análise Social*, vol. XXII (91), 1986-2º: 371-379.
- LOVELL, Terry, "Teoria social feminista" in TURNER, Bryan (ed.), *Teoria social*. Lisboa, Difel, 2002: 313-346.
- MARTINS, Adelina Maria Machado, "Panorâmica do papel e situação das mulheres na Região Autónoma dos Açores" in *Comissão da Condição Feminina: As mulheres agricultoras, Cadernos da Condição Feminina*, nº 22: 103-113.
- MARTINS, Rui de Sousa, "A cerâmica modelada feminina dos Açores: Sistemas produtivos, formas de articulação e processos de mudança", *Patrimónia*, Cascais, 1999.
- "A mulher nas artes de fazer um arquipélago" in SIMAS, Rosa Neves (dir.), *A mulher nos Açores e nas comunidades*, Ponta Delgada: Empresa Gráfica Açoriana, 2003, Vol. II: 213-240.

- MARUANI, Margaret. (2003). *Travail et emploi des femmes*, Paris: La Découverte.
- MARUANI, Margaret. (1991). *Sociologie de l’emploi*, Paris, La Découverte.
- NASH, Mary. (2005). *As mulheres no mundo: Histórias, desafios e movimentos*, Vila Nova de Gaia: Editora Ausência.
- PASCUAL, Marta Ibáñez. (1999). *Género y Familia en la inserción Laboral*, Oviedo: Universidad de Oviedo, Servicio de publicaciones.
- PERISTA, Heloísa e LOPES, Margarida Chagas, "Potencialidades e vulnerabilidades do emprego das mulheres" in *Organizações e trabalho*, nº 5/6, Dezembro de 1991: 37-46.
- PHIZACKLEA, Annie e WOLKOWITZ, Carol. (1995). *Home Working Women: Gender, Racism and Class at Work*, London: Sage Publications.
- ROCHA, Gilberta, MEDEIROS, Octávio, TOMÁS, Licínio, MADEIRA, Artur e BORRALHO, Álvaro. (1999). *A situação das mulheres nos Açores*, Ponta Delgada: Assembleia Legislativa Regional.
- ROCHA, Gilberta, "A emigração nos Açores nos séculos XIX e XX: A necessidade, a solução, a valorização" in *Portos, Escalas e Ilhéus no Relacionamento entre o Ocidente e o Oriente, Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Regresso de Vasco da Gama a Portugal*, 2º vol., Lisboa: Com. Nac. p/ Comemorações dos Descobrimentos Portugueses/ U. A., 2001.
- RODRIGUES, Maria de Lurdes, "Apresentação do dossier sobre trabalho feminino" in *Organizações e Trabalho*, nº 5/6: 11.
- SILVA, Manuela. (1983). *O emprego das mulheres em Portugal*, Porto: Afrontamento.
- SOUSA, Ana Isabel. (2004). *Açores: A história e a cultura de um povo*, Ponta Delgada: Gráfica Açoriana, Lda.
- (2006). *Açores: História, festas, romarias e igreja no feminino*, Ponta Delgada: Gráfica Açoriana, Lda.
- SULLEROT, Evelyne. (1970). *A mulher no trabalho: História e sociologia*, Rio de Janeiro: Editora Expressão Cultural.
- TOMÁS, Licínio M. Vicente. (2003). *Novos Velhos: Idade e actividade na conjugação dos tempos de trabalho*, Dissertação de doutoramento em Ciências Sociais, Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- TOMÁS, Licínio M. Vicente e MEDEIROS, Octávio H. Ribeiro de. (2006). *Suor de sal e de mar: A profissão de pescador na era da globalização*, C.E.S/A.M.A., Ponta Delgada.